

APRENDER ENQUANTO SE CONSTRÓI - INTERVENÇÕES EM TERRITÓRIOS DE PROXIMIDADE: O CASO DOS LABORATÓRIOS IN SITU/

RAMALHETE¹, Filipa; QUINTELA², João

¹ CEACT/UAL e CICS.Nova, framalhete@autonoma.pt

² CEACT/UAL, joaopedroquintela@gmail.com

Resumo: A aproximação do ensino às comunidades é um tema fulcral nas áreas disciplinares que intervêm diretamente no ordenamento e na gestão do território. Colmatar lacunas entre o ensino teórico e a prática profissional é um desafio permanente, quer do ponto de vista da adequação da teoria à prática, quer da transmissão e aquisição de competências técnicas e metodológicas para agir em situações reais. Nas últimas décadas, assistiu-se ao crescimento do número de projetos em que a comunidade académica se associa ao estudo e à proposta de soluções para a resolução de problemas concretos das várias comunidades, em práticas cada vez mais interdisciplinares. O CEACT/UAL desenvolve desde 2012, o projeto in situ/, composto por laboratórios de intervenção de curta duração, que têm como objetivo proporcionar aos participantes, maioritariamente alunos universitários, uma aprendizagem em contexto real. Propõe-se, nesta comunicação, apresentar uma reflexão sobre as metodologias de ensino desenvolvidas para a prossecução dos objetivos das várias edições, explicando de que forma, através de uma metodologia de investigação/ação, se procede à análise do território, à elaboração de discussão de propostas construtivas a diferentes escalas e, finalmente, à construção, no terreno, das estruturas e soluções encontradas.

Palavras-chave: Ensino, território, arquitetura, in situ/

1. Introdução: ponto de partida disciplinar

O ensino de áreas disciplinares cujo objetivo é a intervenção no território debate-se, muitas vezes, com a necessidade de integrar a teoria e a prática. Este é um desafio particularmente relevante quando o objeto da disciplina é a resolução de problemas de base socio territorial, como é o caso da arquitetura. Neste contexto, é fundamental criar mecanismos e estratégias de ensino que, sem perder de vista a qualidade teórica e conceptual da disciplina, coloquem os alunos em contacto com situações de intervenção em contextos reais. Esta premissa é tanto mais relevante, na medida em que, na arquitetura, os processos de desenho e projeto se têm vindo a complexificar, afastando os profissionais da relação mais direta quer com os futuros utilizadores dos projetos, quer dos próprios materiais e processos construtivos.

Nas últimas décadas, assistiu-se ao crescimento do número de projetos em que a comunidade académica se associa ao estudo e à proposta de soluções para a resolução de problemas concretos das várias comunidades, em práticas cada vez mais interdisciplinares. Por outro lado, numa lógica

crescente de agencialidade espacial (*spatial agency*, termo forjado na Universidade de Sheffield, cf. <http://spatialagency.net/>), multiplicaram-se iniciativas em que as comunidades, juntamente com coletivos profissionais, planeiam e constroem as soluções para os seus próprios problemas, assumindo que os atores sociais, em particular os arquitetos, têm a capacidade de intervir na estrutura sociocultural, promovendo uma intervenção ativa, impulsionadora de mudanças a longo prazo. Nesta lógica, a arquitetura é apresentada como uma disciplina motor de intervenção para além da conceção e produção de edifícios (Schneider, Till, 2009), capaz de trabalhar em dinâmicas colaborativas de proximidade, à semelhança das experiências realizadas a partir dos anos 1990 (Águas, 2012; Aguilera, 2004, Remesar, 2003; Borja, Muxi, 2003), sobretudo nos espaços públicos urbanos. Muitos destes projetos assumem-se como capazes de produzir objetos que se tornam, eles próprios, produtores de uma agencialidade transformadora (Gato, Ramalhete, Vicente, 2016; Gell, 1998) e resultam de colaborações académicas, ou estão indiretamente ligados a universidades. No entanto, sem questionar o valor destas intervenções, nomeadamente pelo seu carácter experimental e pelo impacto que têm nas comunidades, não existe uma reflexão sobre as práticas de ensino/investigação/ação que lhes estão associadas.

Partindo de um projeto concreto, o *in situ*/, desenvolvido pelo Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território - CEACTION/UAL desde 2012, dando especial destaque à edição 2019, apresentam-se estas práticas enquadradas numa aprendizagem e não apenas como meios para chegar a soluções construtivas.

2. Os Laboratórios de Intervenção em Arquitetura *in situ*/: estrutura e historial

O CEACTION/UAL desenvolve o projeto *in situ*/, composto por laboratórios de intervenção de curta duração (2 semanas), que têm como objetivo proporcionar aos participantes, maioritariamente alunos universitários, uma aprendizagem em contexto real. Estes laboratórios aliam a componente de investigação, levantamento e análise dos problemas de cada comunidade envolvida, com a proposta, discussão e construção de soluções arquitetónicas. Realizaram-se, desde 2012, nove edições (cf. <http://insitu.autonoma.pt>), todas no concelho de Almada à exceção da de 2019. A primeira foi realizada no âmbito de projeto de investigação naquele bairro (Fronteiras Urbanas - FCT PTDC/CPE-CED/119695/2010). Nas seis seguintes, os locais de intervenção foram selecionados em conjunto com a equipa da Departamento de Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal. Em 2018, o *in situ*/ respondeu ao convite de uma associação local, na Cova do Vapor, para trabalhar sobre a proteção do litoral e, em 2019, do festival de teatro e artes performativas Materiais Diversos, para intervir em Minde. Optou-se por organizar uma estrutura de residência, tendo a equipa permanecido em Minde durante as duas semanas do laboratório, algo que nunca tinha acontecido anteriormente.

Em todas as edições, se procurou que o objeto dos laboratórios fossem territórios com necessidades de intervenção ou em processo de transição, sem novos usos definidos, de forma a que a solução final fosse resultado de um processo de investigação e análise de problemas que os territórios contemporâneos colocam. Ao longo das várias edições, foi desenhada uma metodologia de abordagem e intervenção, que assenta nos seguintes pressupostos: uma equipa de organização, que investiga o território e promove a mediação com os parceiros locais (6 a 9 meses antes de cada laboratório); em cada edição, existe uma, ou várias, equipas de arquitetos tutores (jovens arquitetos, com experiência de projeto e construção e com trabalhos cuja qualidade e interesse se adequam aos desafios de cada edição) que acompanham a preparação da equipa de organização e orientam os trabalhos de projeto e construção. Neste contexto, é muito importante o debate sobre o programa de cada edição e também os materiais e métodos construtivos que estarão à disposição. Dada a diversidade dos desafios e dos territórios, a dinâmica de construção é variável, mas é um processo essencialmente colaborativo, com a participação, muitas vezes, das várias comunidades envolvidas.

Embora salvaguardando as diferenças de edição, é fundamental acentuar três aspetos, relacionados com a aprendizagem realizada: 1) o aspeto experimental, dado que os laboratórios são enquadrados numa experiência académica, onde é essencial dar espaço à investigação, à experiência de construção e também, ao erro; 2) o objetivo não é construir estruturas perenes, mas pensar o território e construir possibilidades, por vezes transitórias; (3) estes laboratórios, embora possuam um grau elevado de agencialidade, não podem ser designados como projetos “participados” ou “de comunidade”, mas como experiências de duração limitada, de trabalho colaborativo, na lógica da promoção “comunidades de prática” (Wenger-Trayner, 2015), onde atores diversificados (alunos, tutores, associações, população, técnicos e operacionais) trabalham num projeto comum.

3. In situ/ Minde: reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem

O desafio lançado pelo festival Materiais Diversos foi o de conceber e construir o novo ‘Ponto de encontro’ do festival, uma estrutura que, para além de albergar funções elementares como a venda de bilhetes ou livros, deveria constituir-se como uma peça simbólica no contexto urbano de Minde e receber conversas, debates e projeções de filmes como parte integrante da programação do evento. Um dos requisitos essenciais era a possibilidade de este equipamento ser facilmente desmontado e transportado, já que o festival pretendia utilizá-lo noutros locais e, posteriormente, doá-lo projeto à comunidade local para reutilização futura. No âmbito do laboratório foi criada uma parceria com a Universidade de Arquitetura de Hamburgo que permitiu a inclusão de alunos alemães. Deste modo, o grupo de trabalho foi bastante heterogéneo e juntou alunos de arquitetura estrangeiros e

portugueses, alunos da Faculdade Belas Artes de Lisboa e recém-licenciados na área de arquitetura e design.

Ao longo das duas semanas do laboratório, o trabalho foi estruturado em quatro fases: 1) **Análise:** realizou-se um percurso que teve início no centro de Minde e se estendeu pelo território envolvente, com o objetivo de adquirir um conhecimento e uma consciência mais aprofundada do local. Esta experiência foi complementada por um conjunto de conferências por agentes locais através dos quais foi possível conhecer o contexto histórico e geográfico no qual iria decorria o trabalho. Esta fase, de apenas um dia e na qual os alunos deveriam juntar todos os elementos que contribuíram para a sua compreensão do local (fotografias, desenhos, reflexões), foi essencial para o desenvolvimento das fases seguintes; 2) **Desenho e Projeto:** foi apresentado um possível sistema construtivo básico e sistemático, com recurso aos materiais disponíveis, sobre o qual os alunos iriam trabalhar. O conjunto de 17 alunos foi dividido em 3 pequenos grupos cada um a desenvolver uma abordagem distinta para discussão e análise posterior. Os alunos trabalharam em maquetes de pequena escala, para estudar a relação com o tecido urbano, e maquetes de maior escala, para estudar o sistema construtivo e o resultado espacial. Paralelamente fez-se um primeiro teste à escala real para aferir as condicionantes da execução. Após dois dias de trabalho, as várias soluções foram apresentadas. Discutiram-se as vantagens e desvantagens de cada abordagem, e optou-se pela proposta que parecia mais indicada para o contexto, incorporando, porém, alguns aspetos das restantes soluções. Realizou-se o primeiro protótipo à escala real de um fragmento do projeto e, como encerramento desta fase, realizou-se uma apresentação conjunta à comissão de acompanhamento que introduziu novas questões de reflexão para os passos seguintes. Neste momento já parecia claro que a solução passaria por um conjunto de perfis de aço, que iriam assegurar os esforços estruturais verticais, um conjunto de placas de contraplacado pintado, que fariam o travamento da estrutura e os esforços horizontais, e uns elementos têxteis que fariam a marcação de uma zona central, um palco a céu aberto para os visitantes. 3) **Planeamento de Obra:** o grupo voltou a trabalhar novamente em conjunto para a fechar a solução final integrando alguns dos aspetos discutidos na fase anterior para que o planeamento rigoroso da execução pudesse ser iniciado. Produziram-se desenhos de detalhe, mapas de quantidades e cadernos de encargos informais. O protótipo foi alvo de intervenção constante durante estes dias para a realização de testes reais e tomada de decisões definitivas, tanto ao nível construtivo e espacial, como na procura dos tons adequados para a madeira e para os tecidos. 4) **Construção:** nos dias seguintes deu-se início aos trabalhos de construção, primeiramente com trabalhos de preparação, como corte e pintura de madeiras ou furação de ferro (recorreu-se a uma serralharia local para a execução dos trabalhos de maior rigor), e em seguida na Praça Alberto Guedes, onde o projeto viria a ser instalado. Fez-se uma inauguração do arranque das montagens e todo o processo de construção foi assumido

como ato performativo dentro do próprio contexto do festival. As montagens decorreram conforme planeado e, já no final, foi lançado o desafio aos alunos da Faculdade de Belas Artes para que concebessem uma peça performativa a partir do espaço arquitetónico, explorando os ritmos, os sons, os materiais e as qualidades espaciais que resultaram deste processo.

4. Notas finais

O laboratório desenvolvido durante duas semanas em Minde confirmou que a integração de forma sistemática e intensiva de aspetos como a análise, o desenho, a construção e a experiência espacial são capazes de produzir uma forma de conhecimento real, muito próxima de um processo de arquitetura convencional, num curto período de tempo. A integração de alunos estrangeiros e de diferentes áreas, como no caso dos alunos de artes plásticas, verificou-se um dado muito enriquecedor e com resultados bastante positivos. O projeto desenvolvido correspondeu na íntegra ao desafio lançado pela organização do festival tanto no que diz respeito ao seu funcionamento como à sua leveza e fácil desmontagem e transporte para outros locais. Foi ainda desenvolvido um manual de utilização do projeto contemplando diferentes níveis de utilização, dado que era ambição do festival doar esta estrutura à comunidade local.

A experiência descreve um modelo de aprendizagem assente numa experiência colaborativa em que os participantes partem de uma investigação e análise territorial para o debate sobre possibilidades de intervenção, desenho de soluções e construção, numa situação real, daquilo que foi projetado. Neste contexto, a existência de uma metodologia de trabalho consolidada pela experiência das edições anteriores, revelou-se fundamental para, em tão curto espaço de tempo, cumprir os objetivos pedagógicos e de intervenção.

5. Agradecimentos

A Cooperativa de Ensino Universitário, entidade instituidora da UAL, apoia a edição desta publicação. Trabalho financiado por fundos nacionais FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória - DL 57/2016/CP1453/CT0004 e do projeto UID/SOC/04647/2013, CICS.NOVA.

6. Bibliografia

- Águas, Sofia (2012) Do Design ao Co-Design: uma oportunidade de design participativo na transformação do espaço público. In *On the W@terfront*, n.º 22, 57-70.
- Aguilera, Fernando G. (2004) Arte, Ciudadanía y Espacio Público. In *On the W@terfront*, n.º 5, 36-51.
- Baratto, Romullo (2017) Intervenção Arquitetônica propõe a reapropriação de um antigo presídio em Portugal. In *ArchDaily Brasil*.

Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/876890/intervencao-arquitetonica-propoe-a-reapropriacao-de-um-antigo-presidio-em-portugal> [Consultado em agosto 2017]

Borja, J., Muxí, Z. (2003) El espacio público. Ciudad y ciudadanía, Barcelona: Diputación de Barcelona.

Gato, Maria Assunção; Ramalhe, Filipa; Vicente, Sérgio (2013) “Hoje somos nós os escultores!” Agencialidade e arte pública participada em Almada, In Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 2, N.º1, 53-71.

Gell, Alfred (1998) Art and Agency: An Anthropological Theory, Oxford: Oxford University Press.

Remesar, Antoni (2003) Arte e Espaço Público. Singularidades e Incapacidades da Linguagem escultórica para o Projecto Urbano. In P. Brandão e A. Remesar (org.) Design de Espaço Público: Deslocação e Proximidade (pp. 26-40), Lisboa: Centro Português de Design.

Schneider, Tatjana; Till, Jeremy (2009) Beyond Discourse: Notes on Spatial Agency. Agency in Architecture: Reframing Criticality. In Theory and Practice, Spring 2009, 97-111.

Wenger-Trayner, Etienne and Beverly (2015) Communities of practice a brief introduction. Disponível em <https://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/> [Consultado em setembro 2019]